

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU EM PERMACULTURA

Amanda Faraco Soares

Arteiriza, Permacultura!

Um levante à popularização da Permacultura através da arte-educação

Florianópolis

2022

Amanda Faraco Soares

Arteiriza, Permacultura!

Um levante à popularização da Permacultura através da arte-educação

Trabalho Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Permacultura do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Especialista.
Orientadora: Profa. Dra. Thaise Costa Guzzatti

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Soares, Amanda Faraco

Arteiriza, Permacultura! Um levante à popularização da permacultura
através da arte-educação – Florianópolis, 2022

Monografia de Pós-Graduação e produção audiovisual – UFSC / Centro
de Ciências de Educação – Departamento de Educação do Campo e do
Núcleo de Estudos em Permacultura da UFSC

1.Permacultura Brasileira 2.Educação Ambiental Crítica 3.Arteeducação

I. Título

Amanda Faraco Soares

Arteiriza, Permacultura!

Um levante à popularização da Permacultura através da arte-educação

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Especialista” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Permacultura

Florianópolis, 11 de maio de 2022.

Prof. Dr. Arthur Schmidt Nanni
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Thaise Costa Guzzatti
Orientadora
UFSC

Prof. Dr. Arthur Schmidt Nanni
Avaliador
UFSC

Profa. Ma. Karla Fünfgelt
Avaliador(a)
IFC

Este trabalho é dedicado àqueles que amam em defesa própria, que com prudência cuidam do todo vivente aqui na Terra, em cada ação, porque percebem, pela razão prática da experiência coletiva de respeitar, a verdade da vida: somos natureza.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a todos que cruzaram minhas andanças e potencializaram o meu amar, potencializando as reflexões e materializando este trabalho neste momento tão significativo ao nutrir universal; o fiz com vocês e para nós. Em especial àqueles que me trouxeram à vida, mãe e pai, que me fazem ressignificar o olhar sobre cuidado e respeito no caminho da perseverança e da cura a cada dia. Só sou porque somos.

Somos mulheres que fazem da luta, melodia. Somos as que retomamos a terra roubada, as que insistem na festa, sem esquecer que permanecemos em guerra. (XAKRIABÁ, 2019)

RESUMO

Este trabalho pretende resgatar os princípios éticos da permacultura através da perspectiva de politização, vinculado ao conceito de “escrivivência”, utiliza-se da escrita como instrumento de registro de memória pessoais sobre experiências de viagens de encontro com a permacultura pelo centro-oeste brasileiro, afim de evidenciar as contradições vividas em campo e que impulsionaram a busca do segundo momento deste trabalho: a autocrítica enquanto movimento coletivo. A partir da percepção de que a prática permacultural no Brasil se distancia, em partes, de uma base fundamentalmente política de atuação, contra o sistema dominante, porque pouco se percebe sua presença nos territórios que mais evidenciam a necessidade de autonomia – as marginalidades sociais urbanas. A metodologia adotada se dá a partir de revisão bibliográfica sobre o ensino da permacultura e sua relação com a educação ambiental no Brasil, em forma de curadoria e não aprofundamento. Por fim, busca-se relacionar o conceito de arte-educação com a pedagogia ambiental crítica para a propagação do ensino da permacultura como instrumento de união das questões ambientais com as necessidades sociais, adaptada às diversas realidades territoriais. É momento de nos envolvermos em uma nova proposta de ensino e aprendizagem, uma ideia de (des)construção do cuidado coletivo que com os indivíduos de forma integral, para fortalecer a formação de grupos de ativistas socio-ambientais-culturais e valorizar as livres expressões afim de levar autonomia aos espaços que representem a riqueza da cultura da permanência popular brasileira.

Palavras-chave: Permacultura Brasileira, Educação Ambiental Crítica, Arte-Educação

ABSTRACT

This work intends to rescue the ethical principles of permaculture through the perspective of politicization, linked to the concept of “escrivivência”, it uses writing as an instrument to record personal memories about travel experiences with permaculture through the Brazilian midwest, in order to evidence the contradictions lived in the field and that boosted the search for the second moment of this work: self-criticism as a collective movement. Based on the perception that permacultural practice in Brazil moves away, in parts, from a fundamentally political basis of action, against the dominant system, because it is not perceived to be present in the territories that most show the need for autonomy – the urban social marginalities. The methodology adopted is based on an historiographic review on the teaching of permaculture and its relationship with environmental education in Brazil, in the form of curation and not deepening. Finally, it seeks to relate the concept of art education with critical environmental issues with social needs, adapted to different territorial realities. It is time to get involved in a new proposal for teaching and learning, an idea of (de)construction of collective care that dialogues with individuals in an integral way, to strengthen the formation of groups of socio-environmental-cultural activists and value free expressions, in order to bring autonomy to spaces that represent the richness of the Brazilian popular culture of permanence.

Keywords: Brazilian Permaculture, Critical Environmental Education, Art-Education

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPCC – Intergovernmental Panel Climate Changes (Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Clima, tradução livre)

ODS – Objetivos de Desenvolvimento

PDC – Permaculture Design Course (Curso de Design em Permacultura, tradução livre)

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OBSERVAR E INTERAGIR	18
3	CAPTAR E ARMAZENAR ENERGIA.....	23
4	OBTER RENDIMENTO	27
4.1	PRATICAR AUTORREGULAÇÃO E ACEITAR CONSELHOS.....	28
4.2	USAR E VALORIZAR OS RECURSOS RENOVÁVEIS.....	30
4.3	EVITAR DESPERDÍCIOS	31
5	PROJETAR DOS PADRÕES AOS DETALHES	33
5.1	INTEGRAR AO INVÉS DE SEGREGAR	34
5.2	USANDO SOLUÇÕES PEQUENAS E LENTAS	35
5.3	USAR E VALORIZAR A DIVERSIDADE	36
5.4	USAR OS LIMITES E VALORIZAR O MARGINAL.....	36
6	RESPONDER CRIATIVAMENTE ÀS MUDANÇAS	39
	REFERÊNCIAS.....	41
	APÊNDICE A – Vídeos Semente.....	43
	EPISÓDIO 01	43
	EPISÓDIO 02.....	44
	EPISÓDIO 03.....	44
	ANEXO A – Canto Manifesto da I Marcha das Mulheres Indígenas do Brasil	46

1 INTRODUÇÃO

No contraste da vida urbana, iniciada em junho de 1995, em Porto Alegre/RS, onde nasci e cresci, vivenciei a estrada desde cedo para manter os vínculos familiares fortalecidos, na rota ao interior dos pampas gaúchos, origem dos laços parentais. Da creche ao ensino médio, foram cinco diferentes escolas, ambas com base no ensino tradicional, mas em distintos contextos, permeando o ensino privado e o público, convivendo com pessoas de variadas classes sociais e etnias, evidenciando o privilégio de poder cultivar vínculos de amizade através da empatia e do respeito. No meio dessa trajetória, como filha única de mãe e pai divorciados, o movimento e a estrada me trouxeram a percepção de que as inconstâncias condicionam o estado de reestruturação psicológica e impulsionam o potencial de adaptabilidade. Ser humana inquieta e que vê na mudança de contextos o sinônimo de vida.

Entre os questionamentos e muitas curiosidades, nunca tive um sonho de profissão, mas fui desbravar os mistérios dos ambientes construídos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Mais uma vez me via imersa em um ambiente multifacetado, em uma instituição privada de ensino superior, que estava em processo de transformação pela compra de uma grande rede de ensino internacional, estudando com bolsa financiada pelo governo federal através de um programa que hoje se encontra em decadência, pela infeliz conjuntura política atual. Ainda assim, desde o primeiro semestre pude ampliar a visão desde os “bastidores” do ensino superior com atividades de representação estudantil, até assumir presidência do diretório acadêmico, dois anos depois. Entretanto, muito do que lutávamos para a faculdade ir além de mudar espaços e transformar estéticas, para questionar as intervenções nas cidades e criar novos meios de ação, eu mesma não conseguia aplicar na prática. Vincular os ideais pessoais aos profissionais era uma tarefa desafiadora, que precisava de uma nova energia. Foi quando tive a oportunidade de experimentar um intercâmbio acadêmico no país vizinho, passando um semestre na Argentina, através de outro programa de bolsa federal. Além da mudança de contexto acadêmico, convivi com pessoas dos mais variados lugares do mundo, vivi em comunidade de forma imersiva pela primeira vez, pude viajar sozinha de norte a sul nos intervalos dos compromissos estudantis e, por algumas semelhanças culturais, desenvolvi uma visão crítica do lugar que pertencemos, percebendo aspectos positivos de infraestruturas que temos e não valorizamos e, em contrapartida, várias outras questões que temos a evoluir.

O retorno ao núcleo social de origem, abastecido energeticamente com uma carga extra de autoconhecimento, foi crucial no fortalecimento de valores essenciais para buscar pela

construção um mundo em que a arquitetura e o urbanismo fossem práticas mais reflexivas e representativas. O que me levou a conhecer a Permacultura, em vivências que trouxeram distintas perspectivas de uma mesma realidade social, em espaços de troca e crescimento político-social. Em um desses eventos, numa roda de conversa que abrangeu planejamento urbano, ativismo ambiental e agricultura familiar na mesma discussão, conheci o projeto de pesquisa Mobilidade Urbana Saudável¹ – cujo objetivo principal era relacionar a infraestrutura de mobilidade urbana de territórios com diferentes características físicas e socioeconômicas, ao impacto na saúde das pessoas. Como voluntária, participei do processo de pesquisas quantitativas e qualitativas do projeto, que me permitiu vincular saúde pública às responsabilidades de co-criação dos espaços, norteando o desenvolvimento do trabalho final de graduação em uma das áreas de pesquisa do projeto. A problemática foi tendo em vista os focos de depósitos clandestinos de resíduos sólidos apontados como um dos pontos que dificultavam a mobilidade urbana saudável no território, além de proporcionar insegurança e descaracterizar pontos de convergência e desenvolvimento socioeconômico da comunidade. Como solução proposta, foi projetado um espaço público com função de abrigo para ações educativas e atividades coletivas para explorar oportunidades de participação e trabalho social, através da gestão comunitária de resíduos sólidos orgânicos, horta comunitária e reestruturação de um espaço coletivo – essência da permacultura urbana na teoria.

Concluída a etapa da graduação, atuei como arquiteta e urbanista pelo mesmo projeto, no processo de devolutiva dos resultados às comunidades estudadas, a fim de analisar e explorar o potencial de planejamento de mobilidade participativo, com as comunidades locais, articulando diferentes agentes sociais na promoção do potencial colaborativo em soluções práticas de mobilidade urbana saudável. Entretanto, a partir dos diferentes contextos territoriais, muito além da problemática de mobilidade urbana, que se refere às condições de deslocamento de uma determinada população no território urbano para exercer suas atividades diárias, que dependem tanto das possibilidades dos grupos populacionais de transitarem pelo espaço da cidade, quanto da infraestrutura oferecida pela cidade para facilitar esse trânsito (ARAÚJO, 2001), percebi que outro fator primordial para deficiência do desenvolvimento saudável das comunidades estava na falta de articulação interna e externa dos territórios.

Vi o distanciamento do cuidado com a natureza como um fator de grande impacto na saúde coletiva e na estrutura das relações dos seres com os ambientes construídos. Considerações que tive ainda mais nitidez depois da experiência de viver um mochilão pelo

¹ www.hum-mus.org

Brasil no contexto pandêmico da Covid19, que vou resgatar aqui de forma breve, como estratégia para trazer um outro olhar sobre os princípios da permacultura.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é evidenciar a necessidade crescente de unir as forças do planejamento permacultural aos instrumentos contemporâneos de comunicação e ativismo social. A metodologia se dá através da curadoria de referências bibliográficas em torno das práticas de ensino de permacultura no Brasil que tenham relação com a educação ambiental crítica, sem a intenção de aprofundar teoricamente, mas sim de trazer discussões que contribuam para a consciência de que todo ato é político e a prática permacultural brasileira deve ocupar esse lugar nas dinâmicas de ação socioambientais. Como estratégia para politizar o ensino da permacultura, trago a arte como possibilidade de articulação das dinâmicas de dentro dos espaços marginalizados socialmente para minimizar a segregação no processo de reestruturação dos territórios, através do teatro, da dança, do canto, e tantas outras expressões que potencializam a espontaneidade dos indivíduos, nutrindo a capacidade de coletivização dos cuidados com a natureza a partir do principal fundamento que faz com que seres se conectem: o sentir.

Levando em conta as aspirações das classes mais vulneráveis das estruturas sociais contemporâneas, a metodologia será baseada na intenção de potencializar a comunicação com essas populações, usando a dinâmica produção audiovisual como ferramenta de popularização da permacultura através do afeto – para afetar e se relacionar. Para tal, foram produzidos três vídeos sementes como incentivo de uso de uma linguagem popular para fazer com que a permacultura se conecte com coletivos periféricos, despertando a curiosidade e o interesse de busca pela possibilidade de democratizar o acesso à qualidade de vida. Portanto, unir a arteeducação ao ensino da permacultura é nos apropriarmos, enquanto coletivo de permacultura brasileira, do instrumento de produção de espaços que promove assentamentos humanos social e ambientalmente justos, saudáveis e envolventes. Os *vídeos sementes* serão ponto de partida para o anseio de uma produção maior, com participação de coletivos espalhados pelo país, a fim de dar voz à nossa rica e diversa cultura para aumentar nossa rede de cuidado coletivo.

2 OBSERVAR E INTERAGIR

Pressupostos básicos da leitura do contexto em que se aplica um projeto de permacultura, devem ser orientados por uma visualização da paisagem, mas também de questões invisíveis que condicionam a estruturação dos espaços construídos e revelam uma luta pela existência, que vai ser diferente dependendo do grupo social em que o indivíduo ou o coletivo se identifica. Inspirada no termo “*Escriviência*”, apresentado por Conceição Evaristo², que resgata a oralidade das mulheres negras escravizadas que contavam histórias para os senhores da casa grande adormecerem, mostrando a apropriação da competência oral de linguagem para possibilitar a escrita e o registro de outra perspectiva da história. Se relaciona a um outro modo de fazer literatura, que está muito ligada à classe dominante e aqui se lê a partir de uma incomum oralidade, que também pode ser percebida como uma escrita pelo corpo, pelo gesto, pela voz, pela expressão, e diversas possibilidades de fala. A *escrivência* tem a ver com uma escrita que nasce de uma experiência, de uma vivência, das subjetividades das mulheres marcadas pela condição de mulher negra na sociedade brasileira como ferramenta para denunciar os olhares de mundo que o sistema dominante insiste em calar. A partir de então, trago aqui o *Perma*vivências, a fim de compartilhar lembranças e histórias que incomodam, desde o nível pessoal, quanto da questão coletiva do viver um mochilão pelo Brasil, que me permitiu recriar limites marginais através das visões pessoais de cada universo transpassado. Ver as incoerências sociais provocando o reconhecimento dos próprios privilégios e vulnerabilidades.

Foi no anseio do contexto pandêmico da Covid19, de querer viver um sonho “antes do fim do mundo”, que saí de Florianópolis em novembro de 2020, com o propósito de vivenciar as mais variadas realidades brasileiras, através de voluntariados permaculturais em espaços urbanos e rurais. A ideia inicial era sair do sul, adentrar o centro-oeste e pelo interior do país chegar ao norte, seguir pelo nordeste e retornar ao sul pela costa brasileira, viajando com uma mochila nas costas e me deslocando apenas por caronas, a fim de permear contextos territoriais diversos, que trouxessem uma perspectiva social diferente de uma mesma realidade brasileira. O trajeto não se cumpriu. Em abril de 2021 veio o convite para ingressar na turma do curso de especialização em permacultura e a pausa no movimento se fez necessária.

² Maria da Conceição Evaristo de Brito, mulher negra brasileira, linguista, escritora e pesquisadora-docente, tem grande influência no movimento pós-modernista no Brasil, escrevendo nos gêneros da poesia, romance, conto, ensaio e trabalhos focados na literatura comparada.

A estrada, por si só, já traz um olhar sobre uma logística de transporte e consumo muito dicotômica, e pode-se sentir o contraste entre uma carona em um carro privado, uma carona em um caminhão ou em ônibus de passagens ganhas, assim como as horas caminhadas nas margens das estradas, com vários “nãos” acumulados de possíveis caroneiros. Foram sensações que me fizeram lembrar a primeira percepção de mundo que me levou a conhecer a Permacultura – através de um seminário que debatia hábitos alimentares, as grandes logísticas de transporte envolvendo os alimentos, a falta de valorização à agricultura local e familiar, assim como os impactos ambientais que toda essa grande escala de mobilidade gerava. A cada dia ficava mais nítida a infraestrutura organizada e “invisível” que diretamente impactava a saúde coletiva, mas as pessoas que tinham real interesse para discutir sobre os desconfortos, era pouca disposição para assumir a responsabilidade de mudar seus confortos. Onde o desconfortável tinha mais voz, era justamente quando a arte se fazia presente, através do canto ou do manifesto poético.

A vivência na estrada permite o contato com pessoas incríveis, assim como a descoberta de lugares com uma diversidade jamais sentida. Viajar pegando caronas é literalmente embarcar em universos humanos e perceber na prática que estamos sob as mesmas leis da natureza. Tudo o que provocamos ou emanamos a ela, volta a nós também, de infinitas formas. É poder vibrar na abundância da vida e lembrar, todos os dias, de entregar e confiar, além de agradecer todas as rotas e desvios, os encontros e desencontros. Ter o contato direto com caminhoneiros e o tempo dedicado às caronas - hora pequenos trajetos, hora muitos kms atravessando estados - possibilitou trocas que evidenciam toda aquela problemática que antes ficava só no campo das notícias e seminários, nas discussões com base em dados e não em experiências práticas. Tive a oportunidade de viajar com pessoas que transportam venenos e se envergonham disso, mas ao mesmo tempo se orgulham da fonte de conforto que podem proporcionar à família, em contraste com as pessoas que transportam seus próprios cultivos, mas sequer percebe a grandeza política dessa forma de subsistência. Cruzei pela cidade de São Paulo e percebi o cheiro do poluído rio Tietê, para, dias depois, cruzar o noroeste paulista rumo ao Mato Grosso do Sul e vivenciar outro trecho do mesmo rio, desta vez com águas limpas e banháveis - ver a capacidade de restauração da natureza, impressionando e sobrepondo a imundície da cegueira humana. Conversar com estranhos e ter contato com memórias alheias, contando de outros tempos que faziam as mesmas rotas, mas que os rios antes margeavam as vias e hoje são singelos córregos ou secaram completamente – *“tem placa de rio por aí que tu olha pro lado e é só vazio, a baixada da terra, porque água mesmo não tem mais lá... uns pelas secas, outros pelos maus tratos dos homens”* disse um caroneiro. Questionei se não seria tudo

a mesma coisa, causa e efeito na mesma origem. O riso constrangido e um singelo “*Pois é...*” compôs a resposta, precedendo um silêncio e olhares poéticos através das janelas que emolduravam o movimento da paisagem e o pensamento nos “maus tratos dos homens”.

Como voluntária, serviços eram escambos por acolhimento e alimentação, que proporcionavam muitos outros aprendizados nas trocas. Passei por lugares que anunciavam a chegada do Natal com uma árvore feita de garrafas pets e latinhas, evidenciando já na entrada de que ali era mesmo um lugar com pessoas dispostas a cuidar dos nossos resíduos. Ter o privilégio de se nutrir com alimentos do quintal, da horta de orgânicos em crescimento, além das jabuticabeiras abastecidas e as pitangas compartilhada com os passarinhos, borboletas e muitos outros pequenos seres. Vi a preocupação de como lidar da melhor forma com uma nascente no pátio de casa, que precisava de cuidados especiais e ideias para acolher as águas tão abundantes daquele território, pensando também numa melhor devolutiva delas ao meio ambiente. Me desafiei, pela primeira vez, a pensar sobre a ambiguidade das preservações que marcam cada época, ao resgatar os conhecimentos adquiridos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, para elucidar o conflito entre a captação de energia via placas solares em um contexto específico da instalação ser em um imóvel tombado como patrimônio público. A conservação do patrimônio histórico-cultural no conceito arquitetônico e a instalação das placas fotovoltaicas em relação ao impacto visual da cobertura das telhas, ou em qualquer lugar que possa ser visível e descaracterizar o valor histórico da edificação, me colocou a pensar em como conciliar a união desses cuidados, respondendo às demandas prioritárias de cada tempo/espço, ou como facilitar a ponte entre os agentes sociais para reconstruir a história de forma corresponsável.

Era a primeira vez que pensava a permacultura urbana como um importante instrumento de comunicação, para potencializar o exercício do bom senso e da transformação de padrões de comportamento pela adaptabilidade das diferentes e conflitantes preservações culturais - ter o valor do ancestral ao mesmo tempo em que usa a tecnologia para resgatar o cuidado com a Terra. Contudo, além do recorte prático de como resolver um “problema ambiental”, estava ali na invisibilidade uma grave consequência do colonialismo na estrutura social, que naturalizou a colonialidade³ a ponto de manter o privilégio sobre uma construção que representa uma dominação de outros tempos dos recursos, do trabalho e, conseqüentemente, do capital. O registro que ficou foi da urgência em desenvolver o

³ De acordo com a autora Ballestrin (2013), é a continuidade da propagação do pensamento colonial, sendo uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de poder, saber e ser.

pensamento brasileiro decolonial, pois só assim poderemos dar voz e visão aos povos oprimidos por muito tempo ao longo da história da civilização.

Num outro contexto, numa ruralidade às margens de um grande núcleo urbano, em estágio de transição agroecológica, evidenciei o aprendizado através do sentir, contato diário com a real grandeza das técnicas de plantio agroflorestais. Cuidar e preparar a terra na manutenção dos canteiros para o período de seca do cerrado brasileiro que se aproximava, enquanto se adaptava a coleta e o armazenamento de água da chuva, que ainda se fazia presente, me fez amar ainda mais esse sistema de integração entre animais e vegetais, tão útil aos seres humanos que (re)pensam suas relações com os espaços construídos.

Sob outra perspectiva, explorar o Pantanal de perto foi poder me ver como criança de novo, com o olhar de encantamento e curiosidade frente à riqueza do território brasileiro, ao mesmo tempo em que, em contrapartida, evidenciei a teoria da pirâmide de Maslow⁴ e seus efeitos na prática. Viver à margem da sociedade, de certa forma, foi como olhar para o sistema por uma perspectiva nunca sentida “na própria pele”. Questionei a confiança e a abundância da vida, vi a ausência da saúde integral e me senti incapaz de resolver problemas, mesmo tendo um mínimo de conhecimento técnico, mas sem maturidade emocional. Vi a escassez e tive o privilégio da escolha e liberdade de me movimentar para sair dali. Através de vivências por vezes contraditórias, vivi a permacultura que evidenciava a necessidade de integração da justiça social nesse discurso de nova consciência à serviço da desconstrução de conflitos socioambientais. O trabalho é mesmo de formiguinha, ou melhor, de minhoquinhas. Desde o interior, daquilo que nos aterra.

A escola da vida (como mochileiros chamam a estrada) também trouxe a oportunidade de viver um recorte de um grande projeto, de muitas construções coletivas idealizadas em terras degradadas de um assentamento em zona rural, com um grande potencial de ser uma referência permacultural atrelada a uma essência política, assim como evidenciamos no movimento agroecológico. Entretanto, passava pelo processo de elitização para se firmar como um centro holístico multicultural, e mesmo com uma base essencialmente ligada à saúde do ser, as contradições podem se fazer presentes. Ou seja, viver com responsabilidade social, se sentir parte da natureza e explorar soluções para o bem cuidar do meio ambiente em qualquer lugar,

⁴ Pirâmide de Maslow – teoria da psicologia proposta por Abraham Maslow, em seu artigo "A teoria da motivação humana", publicado em 1943 na revista *Psychological Review*, também chamada de Teoria da Hierarquia das Necessidades Humanas, definidas em cinco categorias: fisiológicas, segurança, afeto, estima e as de auto realização, podendo ser relacionadas de forma hierárquica.

é semelhante ao processo de autoconhecimento, de se descobrir como um ser com flores e espinhos. Somos responsáveis pela produção de uma nova cultura da permanência, que una as questões sociais com as demandas ambientais de forma coerente às dinâmicas políticas contemporâneas, precisamos ir além das nossas fronteiras espaciais.

Por hora, o relato singelo e anônimo das permavivências para por aqui, pois já há bastante para assimilar, mas em breve seguiremos desse ponto de partida para escolher novos rumos para construir outras fortes pontes.

3 CAPTAR E ARMAZENAR ENERGIA

São ferramentas que auxiliam na autossustentabilidade de um sistema, seja ele qual for. É através da eficiência de comunicação entre as partes que se percebem os sintomas dessa rede, possibilitando, a partir dessa identificação, decifrar a realidade do que se vive ali naquele sistema para conduzir seus elementos à eficácia de suas funções. Ou seja, é através da comunicação que se dá sentido ao sentir e, atualmente, “o indivíduo se explora e acredita que isso é sua realização”, como traz Byung-Chul Han⁵ em seu livro *Sociedade do cansaço* (2016), cuja dinâmica do conceito evidencia o desequilíbrio das forças naturais do ser. Desfragmentar o pensar, o agir e o sentir, é deixar estar à serviço do entretenimento e culpabilização dos indivíduos para enfraquecimento dos movimentos coletivos. Reintegrar a forma que nos conectamos com o outro é urgente, mas esse processo começa consigo mesmo. A intenção aqui é repensar a forma como a permacultura é expressada, percebê-la como uma emancipação pessoal e coletiva da sociedade, capaz de formar pessoas com uma concepção crítica de mundo, que queiram mexer nas estruturas que provocam as desigualdades sociais, a crise ambiental e o desligamento da essência de si enquanto ser.

O fazer permacultural é um conjunto de princípios que vai além de conceitos. São vivências a fim de “planejar e desenvolver um desenho consciente para viabilizar a manutenção de sistemas agriculturalmente produtivos que tenham diversidade, estabilidade e a resiliência de ecossistemas naturais” (MOLLISON, 2009), buscando “alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais” (HOLMGREN, 2012), para bem cuidar da terra, de pessoas e do futuro, garantindo uma partilha justa dos excedentes. Ser coerente com essa proposta implica no reconhecimento do nosso papel como agentes sociais dentro do sistema vigente, ou seja, é necessário observar para perceber a consciência de classe⁶ e interagir pela reestruturação de uma educação permacultural popular, articulando uma nova cultura de aprendizagem e cuidado com a natureza. Em relação à natureza, busca-se aqui integralizar o termo, relacionando a natureza do meio ambiente e a do ser humano, que, na

⁵ Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, que analisa as estruturas da sociedade do século XXI para entender como o modelo de produção da última fase do capitalismo tem interferido diretamente na vida psicológica das pessoas, partindo da psicanálise, da filosofia existencialista e de análises sociológicas – autor de *Sociedade do cansaço*

⁶ Consciência de classe – complexo conceito da percepção do próprio papel do indivíduo no sistema produtivo, com base nas classes sociais construída pela teoria marxista, caracterizada pela propriedade e controle dos meios de produção de riqueza ou pela exclusão dessa posse e controle nos diferentes níveis sociais.

maioria das vezes, ainda são percebidas de forma fragmentada, como traz Ailton Krenak em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019):

“Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: A Terra e a humanidade. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. [...] Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.” (AILTON KRENAK, 2019)

Especialmente a partir do processo de industrialização do capitalismo, a sociedade espontaneamente consome e produz essa dicotomia entre ser humano e natureza. Resgatar a forma como os povos originários se relacionam com a natureza é reconhecer, de forma prática e não romantizada, o respeito ao diferente, com base no senso comunitário e não só na noção do individualismo. Usar como referência modos de vida de populações ancestrais, que viviam em harmonia para a construção de uma sociedade diferente, onde regimes sociais são reais democráticos, em que a existência de cada ser importa, envolvendo-se na natureza, é sinônimo de bem-viver⁷. Perceber o cuidado com a natureza de forma global é fundamental, assim como ter nitidez do processo político que se dá na relação entre os corpos e destes com os espaços, pois não existe bem-viver em uma sociedade que explora, que oprime e destrói o planeta. Se a beleza está nos olhos de quem vê, está ali também a ausência dela – ter esse olhar integralizado é um ato revolucionário, uma vez que caminha contra a visão desenvolvimentista de natureza, fugindo da alienação que coloca a vida emancipada da sociedade.

Sendo assim, ressignificar o olhar sobre o termo “cultura” na permacultura, é buscar uma (re)visão sistêmica produtiva, agrícola e social para estabelecer outras formas de troca e interação, pois como nos convida a perceber Ailton Krenak “não existe fronteira entre cultura e natureza”, somos responsáveis pelos conflitos que geram desigualdade social e crises ambientais. Cuidar do todo natureza é mudar a mentalidade europeia antropocêntrica, é pensar em um mundo onde caibam vários mundos, em que se consiga acolher as identidades e as diferenças, ter a arte como recurso de fortalecimento da vida na terra, na nossa própria experiência do corpo sendo natureza. Ser corpo-território⁸ é constituir uma perspectiva

⁷ Bem-viver – processo construído de referência a muitos povos originários do sul global, mas também em outras regiões, aqui popularmente difundido pelo conceito de Alberto da Costa, compreendendo a demanda de desconstrução da forma de pensar, de produção e reprodução da vida.

⁸ Conceito político definido por Veronica Gago, doutora em ciências sociais argentina, que diz ser “impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem”.

ecofeminista, de uma visão desde o sul global, para evidenciar o corpo como natureza de um ato político.

O ensino da permacultura, em sua maioria, tem sua propagação distante dessa completude de natureza do ser, pois com base nas referências críticas que trago a seguir, ainda existe em cada um a busca do sentido da relação entre homem-natureza, não de forma integral. Como traz Paulo Freire na conceitualização da pedagogia crítica⁹, é urgente a união dos saberes científicos com

“a escuta, a troca de experiências e sua diversidade de expressões, que irão levar a aprendizagem para o campo emocional, tocando o senso crítico e o desenvolvimento cognitivo para espaços em que o conhecimento possa ser produzido onde todo mundo saia da autoria do que foi produzido ali”. (FREIRE, 1997)

A realidade é um processo social em constante formação e formatação, onde é preciso lutar, a cada instante, pela não mercantilização da vida e do ensino, pois é evidente a ausência de neutralidade quando se fala de “ensino-educação” e construção de uma nova cultura com base na cosmovisão. A permacultura tem como base essa filosofia prática, de promover ambientes de aprendizagem em que educandos e educadores trocam de papel diversas vezes. Entretanto, o histórico de conflitos interpessoais e a ausência de um fórum nacional representativo enfraquece discussões mais aprofundadas sobre Cursos de Design em Permacultura (PDCs), o que não desvaloriza a atuação de institutos, coletivos autônomos locais e regionais, e do ambiente universitário, evidenciando a descentralização e popularização dos cursos de permacultura, ainda que de forma tímida. (FOSSALUZA; TOZONI-REIS, 2020). Ainda assim, a permacultura pode ser percebida presa às técnicas de manejo da terra, construção, saneamento, economia, metodologias de governança comunitária e ferramentas para promover o bem-estar sem agredir a natureza, paradoxalmente distantes do pilar anárquico da filosofia, o que pode dar espaço para a permacultura brasileira ser um instrumento que siga reproduzindo o conceito mecanicista da história, sob a ótica do sistema dominante pós revoluções industriais.

Sendo assim, a educação deve ser percebida como parte do todo natureza, esse resgate da visão do cosmos enquanto relação integral do homem com o meio ambiente. Para tal, o

⁹ Pedagogia crítica – método desenvolvido por Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, Patrono da Educação Brasileira, que parte do princípio de que quem aprende é um sujeito, por isso precisa ser respeitado na sua jornada e suas experiências, percebendo a educação como prática de liberdade, formando sujeitos que formam conhecimento para transformar o mundo que habitam. Para saber mais ver Pedagogia da Autonomia (1997), síntese do trabalho de Paulo Freire.

conceito de arte-educação¹⁰ se apresenta aqui para despertar a visão para o ensino permacultural nesse contexto social tão desafiador para a instauração do bem-viver, que essencialmente vem com a ação contra toda e qualquer tipo de opressão, sendo de raça, gênero, sexualidade, de nacionalidade e de regionalismos também. Pois o levante¹¹, além de ser o ato ou o efeito de levantar, é também a região onde nasce o sol, o nosso leste, e é reconhecido com um movimento político que fomenta a população contra algo, uma revolta - então, como não existe sociedade emancipada, a arte pode ser um instrumento de grande poder para integrar a visão sistêmica e política à permacultura, a fim trazer mais efetividade na sua missão de envolver as pessoas ao cuidado com a natureza do todo, impulsionando as autonomias territoriais, dialogando com e para os corpos da cidade, do campo e da floresta.

¹⁰ Por Ana Mae Barbosa, método de ensinar por meio da arte, conhecido como Abordagem Triangular, que se sustenta em três pilares: conhecer a história, o próprio fazer artístico, e saber apreciar uma obra de arte, para que os estudantes consigam atingir o máximo do desenvolvimento integral.

¹¹"Levante", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/levante> [consultado em 03-11-2021].

4 OBTER RENDIMENTO

Nossa capacidade, enquanto seres pensantes e atuantes, de impulsionar a própria riqueza da vida, está debilitada. O Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC, na sigla em inglês), criado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e pela Organização Meteorológica Mundial, em 1988, trouxe em seu último relatório, em Abril de 2021, a desigualdade social como um grande influenciador dos maiores desastres ambientais que existem, evidenciando a ameaça para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), andando juntamente à duplicação da população global nos últimos 50 anos para 7,8 bilhões; onde cerca de 1,3 bilhão de pessoas continuam pobres e 700 milhões passam fome.

No Brasil, o agravamento da desigualdade social com a crise econômica e sanitária da pandemia do Coronavírus é uma constatação feita pelo último Relatório Regional de Desenvolvimento Humano para América Latina e o Caribe do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), de junho de 2021. O aumento da pobreza e da fome se associou à classe social que já era a mais vulnerável, dificultando a implementação de remediação pelos governos, sendo os suportes financeiros emergenciais apenas ações mitigatórias desses efeitos sobre os mais pobres, especialmente os trabalhadores informais. Os riscos ambientais têm dificultado os esforços para tornar as cidades e outros assentamentos humanos mais inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis, segundo apontam os Relatórios do IPCC e PNUD.

Uma outra constatação feita pelo último Relatório Regional de Desenvolvimento Humano do Pnud aponta que o estudo em casa é desafiador para os mais pobres, sendo evidenciada pelo isolamento social durante a pandemia do Coronavírus, no Brasil: entre os 20% mais pobres apenas 11% tinham acesso a um computador com internet para acessar videoaulas e fazer trabalhos em plataformas virtuais, em contraste com o recorte dos 20% mais ricos em que 99% detinha desse poder. Em contrapartida, nesse mesmo recorte, 79% dos estudantes mais pobres tinha acesso a um celular com internet, chegando a 100% no recorte dos mais ricos.

Então a forma que a permacultura é comunicada de fato dialoga com a sociedade como um todo? Aonde ela chega, de fato, e com quem ela conversa? Estamos falando sobre metodologias de ensino de permacultura adequadas às diversidades dos contextos sociais de

forma acessível? Por que o ensino da permacultura ainda parece um feito descoordenado sobre questões sociais, tão importantes e diretamente relacionadas às mudanças climáticas, à perda de biodiversidade e poluição? Que valor está sendo dado às múltiplas possibilidades de *permaculturalizar*? Por mais que possam ser saudáveis quaisquer as práticas que realmente promovem a consciência sobre os impactos ambientais nas ações cotidianas, é urgente conduzi-las de forma a unir a consciência crítica com o sentir e saberes ancestrais, para agir com coerência e construir hoje um futuro mais saudável a todes, de fato. Mas para tal é preciso pensar no contexto social dos estudos no Brasil para articular com o ensino da permacultura.

4.1 PRATICAR AUTORREGULAÇÃO E ACEITAR CONSELHOS

O público a qual se destina essa intenção aqui de popularizar a permacultura é aquele que pouco ou nunca teve contato com o termo “Permacultura”, que vive em um contexto suburbano, periférico e por vezes marginalizado; aonde desenvolver autonomia para construir ambientes e assentamentos humanos mais saudáveis é um grande desafio. Como diria Nego Bispo¹², líder quilombola e militante brasileiro, devemos “viver envolvidos” de forma humanitária, pois somos feitos de relações de afeto em movimento, e toda razão tem uma emoção como base fundadora. Desta forma, convido a refletir como a permacultura está afetando o público marginalizado socialmente, se reconhecemos os sentires dos indivíduos no aqui e agora e fazemos do corpo, território, tornando política a comunicação permacultural. Se ainda não reconhecemos nos processos da sociedade aquilo que estava preso na individualidade do ser, comunicar com arte e através dela é uma possibilidade de usarmos a permacultura como uma ferramenta de ligação sistêmica, a partir de uma reflexão teórica.

As práticas educativas em torno da permacultura, em maior parte, pelo menos em termo de divulgação, se dão pela sistematização de um currículo de formação criado por seu fundador Bill Mollison, na década de 1980, conhecido como PDC (Permaculture Design Course – Curso de Design em Permacultura, tradução livre). Existem alguns movimentos paralelos, de menor número, em núcleos universitários e a níveis locais/regionais, ainda com uma abordagem a partir da perspectiva fragmentada de natureza, separando o ser humano do todo da vida, estabelecendo uma relação “sujeito-objeto”. A permacultura no Brasil, historicamente começou

¹² Antônio Bispo dos Santos, piauiense, poeta, escritor, professor, ativista político, militante do movimento quilombola e de direitos pelo uso da terra – um dos principais críticos do modo como os povos originários e afrodiáspóricos são tratados no Brasil.

a ser difundida em 1992, e nos seus primeiros 3 anos passou pelo processo de incubação com seus primeiros PDCs e primeiras turmas oficiais formatadas. A partir de 1995 se evidencia a ativação e institucionalização das práticas permaculturais, iniciando em 2004 a etapa crítica, a fim de trazer outras perspectivas à rede (FERREIRA NETO, 2017).

De uma forma geral,

“[...] o ensino da permacultura se configura como um campo de disputa, com ações de caráter contraditório e heterogêneo. Se, por um lado, apresenta bases teóricometodológicas que buscam a superação do modo capitalista de produção, por outro, muitas vezes, não se configura como um movimento social coerente com suas bases, característica observada nos altos custos de inscrição dos PDCs; na menor participação das mulheres, de pessoas negras e indígenas enquanto educadoras; na inexistência de uma organização nacional representativa, que discuta e elabore princípios para uma proposta pedagógica nesses cursos. Dialeticamente, o ensino de permacultura no Brasil também se caracteriza por ações que buscam eliminar a restrição imposta pelos custos dos cursos, permitindo a crescente participação de pessoas da classe trabalhadora, fomentando a inserção de mulheres, de pessoas negras e indígenas, além de ativamente buscar a inclusão de grupos marginalizados, como movimentos sociais rurais e urbanos, comunidades tradicionais e quilombolas.” (FOSSALUZA, TOZONI-REIS, 2020)

Os registros sobre as práticas educativas em torno da permacultura e educação ambiental no Brasil têm baixa presença no meio acadêmico (FOSSALUZA, 2017). Recentemente, coletivos, redes autônomas e universidades têm atuado para popularização da Permacultura, buscando uma aproximação a movimentos sociais e a grupos que têm sido historicamente excluídos para superar essa contradição dentro da própria Permacultura, para mostrar a necessidade de que se tenham novos posicionamentos frente às ações de transmissão dessa filosofia prática e estilo de vida contra hegemônico. Neste sentido, Djalma Nery aponta:

“As manifestações da permacultura são muito mais plurais do que imaginamos, sendo necessárias subdivisões para melhor situar os tipos de atuação que se distinguem em algumas características. Anteriormente, discutimos sobre a multiplicidade de abordagens dentro do universo da ecologia, da qual decorre a necessidade de pluralizar o substantivo, entendendo-a como ‘ecologias’, pois são muitas. Aqui podemos afirmar que o mesmo ocorre com a permacultura, e que, mais correto seria a entendermos não como substantivo singular, mas plural: permaculturas. Dessa forma talvez possamos explicar mais fielmente a polissemia do conceito e dar vazão à sua diversidade.” (FERREIRA NETO, 2019)

Portanto, é necessário dissociar o ensino da permacultura da perspectiva de ser apenas um acúmulo de técnicas a serem aplicadas aos desenhos dos ambientes, principalmente pela exclusividade de ser difundida pelos modelos privados das ecovilas, que muitas vezes caem em um caráter reducionista, marginalizando questões de acesso à terra e de relações de trabalho (OLIVEIRA, 2017). A responsabilidade de todos que ensinam permacultura está em evidenciar que ela tem em si a abordagem de todos os elementos necessários para, de fato, promover a

justiça social, por mais que esse compromisso possa fraquejar enquanto movimento brasileiro, ainda jovem. Não é impor um projeto único de modelo de vida e sim percebê-la como um meio para uma mudança estrutural da sociedade de consumo.

4.2 USAR E VALORIZAR OS RECURSOS RENOVÁVEIS

Os princípios fundamentais que englobam a organização do ambiente para favorecer trocas de forma orgânica devem ser sempre vistos com o aproveitamento máximo das modificações, estimulados a criar eficiência para a evolução dos ciclos naturais de energia, até o ponto que ela se renova e dá início a mais um movimento cíclico. Pensando-se assim na dinâmica dos espaços projetados, deve-se espelhar no recurso de ensino e aprendizagem, valorizando a renovação do processo de unir a intuição com a cognição, sabendo que a subjetividade do contexto vai interferir no ritmo e desenvolvimento da troca de conhecimentos. A cada dia se reforça necessidade de uma educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória, que ultrapasse as fronteiras da transmissão de saberes ambientais e da mudança de comportamentos em relação à natureza (FOSSALUZA, 2017).

“Em síntese, a pedagogia da educação ambiental deveria mais do que transmitir informações automatizadas sobre os processos ecológicos do ambiente, ensinar a pensar a realidade socioambiental como um processo de construção social pela tematização de valores, atitudes e competências que tornem os sujeitos capazes de interagir nos sistemas socioambientais complexos, orientando as capacidades cognitivas, inquisitivas e criativas do educando para a realização da prática social crítica e transformadora.” (TOZONI-REIS, 2007, p.135)

O surgimento da educação ambiental popular como sinônimo da adjetivação “crítica” vem para evidenciar a preocupação em libertar a educação ambiental, acolhendo os aspectos sociais dentro das questões ligadas ao meio ambiente. Em suma, a necessidade de se obter uma educação que questione se é possível preservar a natureza sem superar o modo de produção capitalista e as relações sociais que o configuram culminou nesta nova vertente da educação ambiental. (OLIVEIRA, 2013)

Sendo assim, como em um manejo da natureza, o método de planejamento deve reconhecer e determinar setores, zonas e elementos, considerando os fluxos energéticos, as necessidades e as demandas, a partir de uma integração total para viabilizar a autogestão. O uso de tecnologias apropriadas é uma ferramenta a impulsionar a força coletiva, desde que obtida no local, ou o mais perto possível dos lugares de identificação comunitária, para se ter baixo impacto ambiental e interferência social, ainda sendo acessível financeiramente e tecnicamente.

4.3 EVITAR DESPERDÍCIOS

Planejar é otimizar tempo e manejo, ou seja, energia. Exercer o comprometimento com o aproveitamento de energia é entender o processo de uma forma sistêmica e se capacitar ao máximo para fechar o ciclo da produtividade, ter a consciência de que tudo produzido, que possa ser consumido, gera outro uso a partir do seu fim. Estamos constantemente criando, seja consciente ou inconscientemente, resíduos, que sempre terão uma vasta oportunidade de (re)utilização. Esse raciocínio se segue para além de produtos materiais. Vai para os recursos linguísticos, tendo em vista que a nitidez sobre a eficiência dos sistemas produtivos recai sobre a forma de comunicação. O proveito que temos do ensino e da cultura tem relação direta com o vocabulário que se usa, pois ele não é apenas vocabulário, mas sim a materialização de valores e significados que atendem o interesse de classes. A pedagogia crítica, então, alerta que “não existe neutralidade no ensino”, que na realidade o processo social está em constante formação e formatação, e o trabalho de elucidação ideológica se desenvolve nos campos de aprendizagem. Para existir mobilização política, é necessário afeto político. Para isso, a educação horizontal de Paulo Freire, lembra sobre o caminho de falar “com” e não “para”, respeitando o sujeito na sua jornada de aprendizagem e o engajando no ciclo de tudo o que é produzido.

Nossos recursos linguísticos estão coerentes? Comunicar a permacultura de forma integrada à educação ambiental crítica a fim de popularizar, é comprometer-se com a consistência na mensagem, a coerência com as ferramentas práticas e articulação com a realidade social em grande escala para promover a continuidade das ações. A relação da comunicabilidade com o trabalho deve estar integrada à desconstrução dos valores impostos historicamente de individualização da culpa pelo eminente colapso ambiental, pelo entretenimento excessivo para impulsionar o desligamento da saúde mental, promovendo o cansaço excessivo e proporções nunca vistas de doenças sociais. Quando se vê a interdependência dos fatos, a culpa deve ser revisitada, dando espaço para a responsabilidade ser vista de outra perspectiva, para mudarmos as ações radicalmente, a curto prazo. Olhar para o que podemos aprender com quem está resistindo há mais de 500 anos e comunicar outros saberes, outra forma possível de civilização. O trabalho precisa estar vinculado às condições sociais, à luta de classes e de resistência contra o constante estado de falta instaurado culturalmente, que fortalece a economia de mercado e a ideia de que as pessoas estão sempre

em débito e/ou precisando de algo. “O desamor é uma bênção para o consumismo”¹³, pois a sociedade em que se vive vendeu que o certo é pensar em crescimento ilimitado, ignorando o esgotamento do planeta e podando a esperança de atuar na redução dos danos. Essa mesma cultura do consumo encoraja a mentira, que está presente na publicidade predatória através da comunicação violentando os limites psicológicos.

“A fragilidade política e econômica é, portanto, transformada em vulnerabilidade pessoal, e a esfera do trabalho passa a ser um domínio despolitizado e psicologizado em que os trabalhadores, e não as empresas, tornam-se o principal objeto de intervenção gerencial.” (CABANAS, ILLOUZ, 2022)

A consistência, a coerência e a continuidade mencionadas antes são sinônimos de honestidade com o amor. Não o amor romântico, vendido pela mesma cultura do consumo, mas o genuíno, aquele que nos faz construir uma sociedade amorosa, dos seres serem verdadeiros consigo mesmos para reafirmar o valor da escuta e da fala com base na confiança e não no controle. Comunicar de forma integrativa é fortalecer a comunicação amorosa desde a zona zero, como no planejamento permacultural, impulsionando esse amor-próprio a qualquer outra relação. Trazer o amor para as ferramentas de trabalho pode criar a transformação necessária na forma que nos expressamos, rompendo com o materialismo e o consumismo hedonista.

Portanto, evitar desperdício é viver segundo uma ética amorosa, pois como traz Bell Hooks, capacita a percepção da alma, que sente quando agimos de maneira antiética, rebaixando o nosso espírito e desumanizando a relação com a natureza. Evitar o gasto de energia é se atentar a cada mínima ação, saber que para efetivar a sustentabilidade das ações que buscam bem nutrir o mundo é necessário escolher se conectar com o outro, fortalecer o senso de comunidade e integralizar as falas. Uma “política de conversão”, conforme afirmação de Cornel West, restaura a sensação de esperança, comunicando através da ética amorosa que abrange “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” em nossa vida cotidiana. Comunicar a permacultura com simplicidade, assim como propõem nas filosofias de modo de vida, é exercitar a compaixão na medida em que se reafirma a conexão com o coletivo.

¹³ Trecho do livro Tudo sobre o amor – Novas perspectivas, de Gloria Jean Watkins, pseudônimo de Bell Hooks, foi autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense.

5 PROJETAR DOS PADRÕES AOS DETALHES

A urbanização dos territórios no Brasil é exemplar do processo de aprofundamento das desigualdades sociais. De um país de características populacionais agrárias, o Brasil rapidamente se tornou predominantemente urbano no curso de cinco décadas. Esse processo conheceu seu momento mais decisivo na década de 1970, quando a população urbana começou a superar a rural (56% contra 44%), em função das fortes migrações do campo em direção aos principais centros urbanos. Atualmente, como nos informa o Censo Demográfico 2010 do IBGE, contamos com 84,35% da população residindo em cidades. (BALBIM, KRAUSE, LINKE, 2016). A conexão entre o aumento da população nas cidades e o processo de industrialização é um dos principais fatores que evidencia a tecnologia como agente na organização dos espaços, afetando a mobilidade urbana, a saúde pública e a segregação socioespacial.

Portanto, como resgatamos a confiança territorial? É preciso reestruturar as categorias de uso do solo, reconhecendo o valor da função social da terra urbana, não como reprodução do capital, mas como instrumento de apropriação do papel de cada agente no processo de produção do espaço, afim de usar a tecnologia para promover a inovação social no planejamento territorial integrado, em suas diversas escalas. Agir nas múltiplas escalas urbanas para construir territórios mais saudáveis e sustentáveis, sempre visualizando os fatos históricos e as mudanças espaciais dentro de um espaço. Ações de planejamento territorial a partir da permacultura ajudam no desenvolvimento de tecnologias sociais aliadas ao cuidado com a natureza, de forma integral. Precisamos de projetos que efetivem a gestão dos ambientes construídos de forma colaborativa, onde a participação das comunidades é relevante e valorizada na solução de conflitos no processo de urbanização, aliada à preservação da biodiversidade.

Levando em conta as aspirações das classes mais vulneráveis nas estruturas sociais contemporâneas, as metodologias devem ser baseadas na intenção de potencializar o conhecer e o agir dessas populações, incentivando seus desenvolvimentos autônomos (BORDA, 1983). A investigação de processos colaborativos deve partir de uma visão global para os detalhes locais, recuperando a dialética “ser humano-natureza” nas atuais configurações territoriais, afim de atuar no planejamento de ambientes saudáveis, em equilíbrio com o meio ambiente, em prol da saúde coletiva e da justiça social.

“A confiança é a pulsação do verdadeiro amor”, e esse amor que criamos em comunidade, como diz Bell Hooks, permanece nos seres em todas as práticas de engajamento.

A prática amorosa é revolucionária, e pode ser a base para o processo de reconstrução social ser estabelecido de forma efetiva, da micro à macro escala. Portanto, para a sustentabilidade do macro, é saudável estimular e distribuir o movimento do micro, pelo envolvimento social e microeconomias como bases fundamentais, pois precisamos ir além da sustentabilidade.

5.1 INTEGRAR AO INVÉS DE SEGREGAR

É sabido que o conceito de sustentabilidade permacultural, numa perspectiva de educação ambiental do sensível, da crítica, dialógica, vivencial e participativa, deve ampliar o conhecimento dos problemas nas dimensões socioambientais dentro dos espaço coletivos. Então se o principal desafio está no aqui e agora, precisamos alterar a chave da fragmentação por uma da cosmovisão e a arte é uma ótima ferramenta para ressignificar o ensino e as práticas permaculturais para os adultos “civilizados”. Quebrar a lógica de que apenas as populações que têm o privilégio da informação podem acessar as dinâmicas de cuidado relacionadas à saúde e bem-estar social e ambiental, evidenciando a comunicação com as periferias, que crescem e serão as principais afetadas pelas conseqüentes escassez de água, de alimento e tantas outras necessidades básicas de sobrevivência dos seres.

Conceição Evaristo, Ailton Krenak, Anielle Franco e Nego Bispo unem as práticas das favelas, aldeias indígenas e quilombolas no livro “Mestre das Periferias” (2021), alertando para a urgência no estímulo e promoção de conteúdos sobre os territórios das favelas e periferias, para fortalecer uma perspectiva de valorização desses espaços plurais e inventivos, ricos de saberes orgânicos, cuja origem vem do cotidiano com a troca, da solidariedade e da coletividade. Precisamos resgatar essa visão de divindade do ser na prática, promover trocas em espaços ressignificando o olhar para a cultura popular brasileira, responsável por formar e informar a discussão de valores que estruturam a sociedade. Para fomentar sistemas descentralizados e energeticamente eficientes, invertendo a lógica da orgia energética e nutrindo o viver em abundância, mimetizando a natureza, deve-se superar o desafio de viver em harmonia comigo, com o coletivo e com a natureza.

Através do envolvimento social, que introduz a leitura da espacialidade por uma dimensão ativa, é possível explorar as diferentes possibilidades de compressão das relações sociais, suas especificidades em cada configuração espacial, e usufruir das tecnologias para impulsionar as possibilidades de encontros. O sistema é uma totalidade viva, que abrange o ambiente construído, a economia, a governança e a união, e os coletivos são microcosmos que

espelham essa sociedade. Aumentar o grau de apropriação dos espaços, públicos e/ou privados, para promover a manutenção da saúde e da segurança local, vem a ser um ato de coragem para lutar pela própria existência. A mobilização comunitária, através do diálogo, é sinônimo de resistência e inovação através do trabalho e da confiança. Sendo assim, a inclusão sócio produtiva representa uma consciência da própria capacidade de organização, evidenciando seu impacto enquanto microeconomia no uso das ferramentas de ativação e articulação local, que deveria dar suporte à economia do cotidiano, onde realmente a vida acontece, respondendo por grande parte da vida social de uma cidade ou bairro.

5.2 USANDO SOLUÇÕES PEQUENAS E LENTAS

Trazer à vida a nova cultura da permanência, olhar para o instrumento tecnológico da comunicação audiovisual que pulsa na comunicação contemporânea e, por um lado, pode fortalecer bolhas de isolamento em redes invisíveis, mas, de outro, pode ser uma ponte poderosa de resgate para o mundo visível, do palpável, do contato com outros seres e com a terra é estabelecer uma via alternativa de fortalecimento de redes. Enquanto comunidade que liberta da alienação, usar a dinamicidade da comunicação audiovisual como um recurso de fala que também possa ser um convite para que os espaços de ensino sejam mais artísticos, que adultos possam, através da arte aliada à permacultura, integrar a emoção com a cognição, para promovermos, de fato, um levante à popularização da permacultura através da arte-educação.

Estamos todos, a todo o tempo, produzindo, reproduzindo, formando e reformulando cultura. Fazer esse termo, que era vocabulário de terra – trabalhador da terra, do cultivo, saber fazer, fazer de um jeito – se transformar na objetificação de certos valores e significados de uma sociedade. Ainda que, na maioria das vezes, preservamos e reconhecemos uma única classe que favorece tradições elitistas quando falamos de forma genérica em cultura – como traz Maria Elisa Cevalco, em “Dez lições sobre estudos culturais” (2001), é preciso entender de que forma a preservação de valores e culturais é uma política de dominação. Então de que cultura estamos falando enquanto permanência? “A cultura é comum”, disse o reformista Raymond Williams (1958), olhando para a cultura como um dado antropológico, vendo que qualquer produção humana é cultura. Ou seja:

“Os problemas evidentes da nossa civilização estão perto demais e são sérios demais para que alguém suponha que uma ênfase é uma solução – em qualquer problema precisamos de uma investigação e uma negociação insistentes e detalhadas. No entanto, estamos cada vez mais começando a compreender que nosso vocabulário, a linguagem que estamos utilizando para negociar a investigar nossas ações, não é

nenhum fator secundário, e sim um elemento prático e radical por si só. Obtermos sentido a partir da experiência e tentar ativá-lo é, na verdade, o nosso processo de crescimento. Alguns desses significados nós recebemos e recriamos, outros precisamos criar para nós mesmos e tentar comunica-los. A crise humana é sempre uma crise de compreensão. Só podemos fazer aquilo que genuinamente compreendemos. [...] existem ideias e modos de pensar que trazem consigo as sementes da vida. E existem outros, talvez nas profundezas das nossas mentes, que trazem consigo as sementes da morte. De uma morte geral. A medida do nosso sucesso, em reconhecer esses dois tipos, dar-lhes um nome, possibilitando, assim, o seu reconhecimento coletivo, pode literalmente, ser a medida do nosso futuro. ” (WILLIAMS, 1958)

Sementes contém a informação do ciclo completo da planta, a memória de nossas histórias em comum, e são patrimônio da humanidade. Portanto, memória é consciência crítica, uma ação política ativa como coletivo, e o presente nunca se fez tão ancestral. Olhar para experiências de vida que transcendem o pensamento político de indivíduo é resgatar a visão de que a colonização foi uma marcha sobre territórios coletivos, de governança compartilhada que quebra unidades do sistema de negócio. Então para engajar soluções eficazes, é preciso fazer sentir, fazer (re)conhecer para preservar.

5.3 USAR E VALORIZAR A DIVERSIDADE

O crescimento da ideia de arte-educação no Brasil é defendido como um campo de batalha em defesa do direito à arte, como uma busca pela interdisciplinaridade abrir espaço para o desenvolvimento de seres críticos, ligados à sobrevivência e preocupados e ocupados pela construção de um futuro através de métodos educativos que façam as pessoas se identificarem com seus mundos.

“O artista acha que, por si só, não ensina. Ele acha que não consegue estabelecer essa relação. Mas, necessariamente, por ser artista, ele tem o que ensinar. É preciso ter desejo de ensinar, mas no Brasil, infelizmente, há um desprezo por nossa educação pública, que acaba convertendo-se em uma instituição que vai formar apenas capacidades empregatícias de nosso povo, deixando todo o resto de lado” (BARBOSA, 2016)

A arte efetivamente agrega valor ao ensino como equipamento de registro e propulsão cultural do país. Ela permeia todos os pluriversos que o nosso uni abriga.

5.4 USAR OS LIMITES E VALORIZAR O MARGINAL

O percurso das permavivências foi atravessado pela necessidade de estabilidade, limitando as grandes movimentações, mas ainda ressignificando o olhar para a permacultura.

No caminho da assimilação e percepção de que ela já é praticada em diversos contextos da nossa sociedade, através das mais variadas abordagens, ainda se manifesta pouco atrelada ao seu projeto de libertação social, político, cultura e econômico. Se atrelada ao movimento de decolonialidade de forma efetiva, ela pode mesmo estar por todos os lugares, se aproximando da realização de promover o respeito à natureza através da autonomia de indivíduos, coletivos e movimentos sociais que lutam contra qualquer tipo de opressão. Para tanto, a estratégia é:

“listar a possibilidade do uso da arte como metodologia de ensino e possibilidade de abordagens tais como; mobiliza e seduz com facilidade, chamando sua atenção para determinados assuntos, possibilita a abordagem de temas polêmicos, permite o questionamento de padrões já estabelecidos, desenvolve o trabalho em grupo e o respeito à forma de pensar do outro, permite contato com manifestações culturais, tanto do aluno quanto de outras localidades. Todas essas possibilidades de trabalho com a arte podem ser desenvolvidas de forma lúdica, levando o indivíduo a expressar, por vezes sem mesmo perceber, tudo o que não faria de forma natural.” (VILAÇA, 2012)

Portanto, para o verdadeiro e prático conhecimento permacultural estar orientado para os princípios corpo, alma e espírito, conduzir o aprendizado com a arte é contribuir para a formação do ser humano como crítico e que interaja com o mundo como um ativista. Afetar (pelo afeto e pelo impacto) os territórios, entre o público e o privado - ocupar, cocriar espaços sensíveis, incorporar a performatividade ativista, militante, ambientalista, oportunizando os espaços de interação e assim dar espaço para vivências de respeito a diferentes culturas e pontos de vista. O aluno deve ser estimulado a pensar e criar, para que saiba agir em sociedade, conhecendo seus direitos e deveres e sendo preparado para transformar a sociedade onde vive (SAVIANI, 2002). Para tanto,

“não é necessário converter pessoas, e nem é preciso uma maioria absoluta. Se for possível romper ao menos com a zona do privilégio e do silêncio, e caminhar lado a lado com os movimentos sociais populares, urbanos e rurais, empoderá-los e ser por eles empoderada, a permacultura brasileira certamente se aproximará de seu objetivo de transformação social concreto e objetivo, aqui e agora”. (ENLAZADOR, 2016)

Romper com os privilégios e o silêncio vai além de uma “*permacultura popular*”, ¹⁴é adequar a linguagem para dialogar com uma maior parcela da população, pois;

“tal abordagem não se restringe à difusão pura e simples do conhecimento, mas sim do empoderamento das camadas sociais historicamente desfavorecidas e marginalizadas; ou, em outras palavras, os sujeitos oprimidos e oprimidas. Não se trata de levar a eles o conhecimento como uma luz salvadora, mas justamente o oposto: trazê-los para dentro do movimento como sujeitos fundamentais para fazer daquela ferramenta algo realmente emancipador.” (FERREIRA NETO, 2017, p.102)

¹⁴ Como apresenta Djalma Nery Ferreira Neto, são ações voltadas à democratização da prática da permacultura via custos reduzidos em PDCs, acessibilidade por bolsas, voluntariados e vivências diversas para popularizar o conhecimento permacultural.

Educação é direito, e para evitar seu vínculo como mercadoria, é indispensável a troca dinâmica entre educadores e educandos no cumprimento de seus papéis, de forma alternada e sincrônica, para desenvolver a visão cósmica de não só educação, mas de formação do ser como um todo. Como sugere Bill Mollison, que utilizemos “cantos tribais, a arte, artefatos étnicos” como padrões;

“[...] nos quais sua evolução ao decorrer das eras expressem uma concepção de mundo tal como a física moderna e a biologia. Crenças tão inteligentes e vívidas se aproximam da percepção da real natureza dos eventos observados ao nosso redor, e derivam de uma contemplação de tais eventos, indicando um modo de vida e uma filosofia ao invés de um dogma ou um conjunto de medidas.” (MOLLISON, 1989, p. 99)

Formular projetos político-pedagógicos específicos para cada comunidade em ação, é real explorar ao máximo o potencial permacultural de proporcionar autonomia aos espaços marginalizados socialmente, estimulando estudos direcionados ao desenvolvimento local, economicamente justos e ambientalmente sustentáveis, integrados com as ferramentas de trabalho, articulando-os com o mundo.

6 RESPONDER CRIATIVAMENTE ÀS MUDANÇAS

O poder curativo da mente e do coração está no ato de comunhão, temos o dever de sair do isolamento para fortalecer, pela ética da verdade a renovação dos espíritos individuais e a alma das comunidades. A união do olhar para a natureza como um bem comum, pelo envolvimento nos processos de compaixão e perdão, é o caminho para buscar a cura coletiva. O perdão intensifica nossa capacidade de apoiarmos uns aos outros, se sermos positivos e ativistas para viver em um estado permanente de esperança.

A solução está em “criar Santuários de Sanidade Mental e Ecológica”, como disse Eurico Vianna, em sua ontologia resumida do que a permacultura não é. Ver na comunicação audiovisual, a exploração de “furar bolhas” nos espaços na internet como uma possibilidade de melhor dialogar e conectar movimentos sociais e coletivos organizados na ação e manutenção de autonomia gerencial dos espaços de vida diária. Fornecer conteúdos otimizados e de qualidade aos canais de comunicação populares é uma adaptação necessária para o ensino da permacultura na atual comunicação brasileira para aliarmos a expressão dos territórios de intervenção, a fim de politizar o fazer permacultural.

De acordo com o Pnud, uma das maiores preocupações apontadas pelo Relatório Regional de Desenvolvimento Humano, o impacto desigual da crise sanitária do Covid-19 é sobre os estudantes, pois foi evidenciada a barreira para os mais pobres em acessar ferramentas de tecnologia em casa, assim como a relação entre maior incidência de violência doméstica e a disparidade da formação dos familiares. Em compensação, para o mesmo recorte dos mais pobres que não tinham acesso a computadores, 75% tinham um celular com acesso à internet. Então para eliminar parcialmente essas distorções, sugiro aqui a utilização de uma ferramenta popular e acessível, como uma possibilidade de intervenção e resgate dos indivíduos “do outro lado da tela”, para a promoção de espaços de acolhimento, debates, trocas e ações, no que tange à permacultura como fonte para o avanço do envolvimento coletivo de seres contra a desigualdade social na prática.

O processo é unir os sentidos dos seres ao objetivo de (re)criar pontes, e incitando a cultura de colaboração, pertencimento e responsabilização, pelo dispositivo com alto poder de síntese da produção audiovisual. Unir forças é um ato político. Todo ato é político quando damos força às vozes e nos unimos à natureza. Para tanto, os vídeos a seguir roteirizados são destinados a pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social, a qualquer nível,

a fim de fortalecer a confiança das pessoas nos próprios processos de perpetuação da saúde física e mental, a partir do direito de acesso à educação e participação efetiva no mercado de trabalho com diversas alternativas a serem exploradas, que vão além da sociedade do consumo.

A arte vem para lembrar da necessidade afetiva básica de qualquer ser vivo para se engajar no processo de aprendizagem: o sentir. Fazer pensar para agir de forma coerente é estabelecer uma comunicação efetiva para tirar as criaturas humanas de trás das telas em direção à atuação coletiva nas ruas, buscando a interdependência dos territórios, pelo amor à vida. Permacultura como ferramenta para a soberania territorial, pela autonomia de ser. Então vamos nos envolver, consigo mesmo e com grupos, para reproduzir a in(de dentro)sanidade coletiva; usemos mais a música, a dança, as pinturas, os artesanatos, o teatro, os poemas e os versos, as bioarquiteturas, a fotografia e o cinema, a eloquência e tudo mais que nos capacita, assim como uma criança que brinca para estimular sua consciência da condição humana, a atuar pela cultura como atores de transformação social em rede.

REFERÊNCIAS

- FOSSALUZA, André S.; TOZONI-REIS, Marília F. C. **O ensino de Permacultura no Brasil: o papel dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e as contribuições da Educação Ambiental Crítica.** Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1516-731320200042>. Acesso em: 12 out. 2021
- NETO, D. N. F. **Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil.** Piracicaba, SP: Universidade de São Paulo (USP), 2017. Disponível em: Biblioteca Nacional Brasileira de Teses e Dissertações - bdt.d.ibict.br. Acesso em: 19 out 2021.
- NETO, D. N. F. **Por uma permacultura morena e ecossocialista.** São Paulo, 2016. Disponível em: outraspalavras.net. Acesso em: 19 out 2021.
- FOSSALUZA, André S. **Permacultura: Por que e para quem** São Paulo, 2021. Disponível em: researchgate.net. Acesso em: 20 out. 2021.
- NASCIMENTO, L. M. C. T.; FRENEDOZO, R. C. **Institutos de Permacultura: propostas de educação ambiental em espaços não-formais.** São Paulo, 2021. Disponível em: revistaea.org. Acessado em: 12 out 2021.
- OLIVEIRA, M. F. **Espacialidades “alternativas” e permacultura – contradições e técnicas.** Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: repositorio.ufj.br. Acessado em: 20 out 2021
- SOARES, E. S. **A experiência coletiva da permacultura frente à crise socioambiental.** VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 2017.
- OLIVEIRA, L. P. M. Educação ambiental popular: Permacultura na EEEF Paul Harris – Porto Alegre, RS. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2013.
- BARBOSA, A.M. **Arte-educação no Brasil.** Perspectiva, jun. 2019.
- RODRIGUES, R. N. L.; SOUZA, L. J.; TREVISIO, V. C. **Arte-educação: a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem.** Disponível em: http://www.unifafibe.com.br/revistas_online/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/50/26042017193023.pdf
- OLIVEIRA, R. C. F. **De aluno a professor: interseções entre a arte e o a educação – Memorial de recursos.** Colatina, ES: Pé Jambo, 2021.
- TAVARES, H. M. **Raymond Williams: pensador da cultura.** Revista Ágora, Vitória, n.8, 2008, p.1-27
- CAMPOS, P.T. **O teatro do oprimido e a flor da permacultura na educação ambiental.** São Cristóvão, SE: Universidade Federal do Sergipe, 2014.
- GEHL, J. **Cidades para pessoas.** São Paulo: Perspectiva; 2015.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 125 p., il. (Primeiros passos, 13).

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil** – São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincoln Institute, 2001.

NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. **Pioneira da arte-educação, Ana Mae Barbosa reforça: “Todo artista tem o que ensinar”**. Portal Aprendiz, Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2016/08/12/pioneira-da-arte-educacao-ana-maebarbosa-reforca-todo-artista-tem-o-que-ensinar/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

CARRANÇA, Thais. **Consumo de pé de galinha em alta e outros 5 dados que revelam retrato da fome no Brasil**. BBC News Brasil, 5 out 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58797787> Acessado em: 16 nov 2021.

SENRA, Ricardo. **Como o mesmo Brasil que alimenta 1 bilhão ultrapassou 10 milhões de famintos ‘dentro de casa’?** BBC News Brasil, 25 set 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54288952> Acessado em: 15 nov 2021.

GRAVAS, Douglas. **Desigualdade cresce e 1% no topo da pirâmide do Brasil concentra metade da riqueza**. Folha de São Paulo, 24 jun 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/relatorio-da-onu-ve-agravamento-de-desigualdade-com-pandemia-e-baixo-crescimento-de-brasil-e-vizinhos.shtml> Acessado: 13 dez 2021.

APÊNDICE A – Vídeos Semente

Espalhar *Sementes da vida*, essa é a intenção da série de três vídeos que compõem essa ferramenta artística de comunicação que dialoga com a popularização da permacultura. As perguntas norteadoras para construir o conteúdo são: Para que? Para quem? Onde? Como? De forma geral, as três peças audiovisuais são interdependentes, para partilhar o que é a Permacultura, para que serve e apresentação da Rede NEPerma Brasil como um meio para fortalecermos essa teia de troca de saberes orgânica, respeitosa e diversa. Link para acessar os vídeos: https://www.youtube.com/playlist?list=PLlj0KN9uvfUMAPC_Djxpg74Y6_1dDUzVI

EPISÓDIO 01

Apresenta a Permacultura; é direcionada àqueles que pouco conhecem, ou nunca ouviram falar no termo; em territórios periféricos/marginalizados socialmente; envolvendo através do sentimento de empatia, identificação pelo cuidado com a natureza. Trilha sonora: Retro Shine - Yung Logos, direitos autorais do acervo público do YouTube.

Ei! Você também acha que a terra e as pessoas precisam de ajuda?

Pois a permacultura pode ajudar!

Perma O QUE?

PermaCultura

É uma forma de bem-viver que une o cuidado das pessoas e da terra, pensando no futuro, em todas as nossas ações

“Perma” vem de permanente, tudo aquilo que fica por muito tempo, que completa o seu ciclo

“Cultura” vem de agricultura, que fala sobre a produção dos nossos alimentos, mas também é sobre tudo aquilo que o produzimos como gente

A permacultura nos ajuda a entender os saberes científicos na prática, lembrando também de como nossos avós, bisavós e tantos outros que vieram antes de nós, tinham conhecimentos que não podemos perder

Essas memórias mostram que nós somos natureza, então se queremos ter mais saúde e lutar por melhores condições de vida, precisamos também proteger e amar também todos os dias

Pois de que adiantariam as conquistas sociais se não tivermos um planeta saudável para morar?

EPISÓDIO 02

Fala sobre a funcionalidade/aplicabilidade da Permacultura; direcionada àqueles que pouco conhecem; em territórios periféricos/marginalizados socialmente; despertando a curiosidade, ver nos diversos contextos e possibilidades. Trilha sonora: Zameen - Movement of Earth - Aakash Gandhi, direitos autorais do acervo público do YouTube.

Precisamos de um planeta saudável para morar e lutar pela vida

A permacultura nos mostra princípios e caminhos além da sustentabilidade

Ela nos faz pensar nos cuidados que devemos ter todos os dias, que envolvem: como mexemos na terra e na natureza; como são os ambientes construídos que circulamos, nossa casa nosso trabalho; quais são as ferramentas e tecnologias que usamos, se elas nos ajudam no cuidado coletivo, ou se vão contra; de que forma estamos estudando e produzindo cultura; estamos saudáveis e pensando no nosso bem-estar espiritual?; precisamos olhar para diferentes formas de se relacionar com o dinheiro e a economia; ver como a posse de terra e os governos comunitários podem colaborar para promover a nossa autonomia enquanto seres coletivos

A permacultura nos mostra muitas formas diferentes de trabalhar nos espaços de vida compartilhada, com as famílias, os amigos e toda a comunidade

Seja na cidade, no campo, ou na floresta

EPISÓDIO 03

Chamada para coletivizar; direcionada àqueles que já praticam e querem aumentar as ações, ou quem ainda não pratica mas quer atuar; em territórios quaisquer; apresentando a Rede NEPerma Brasil e abrindo para contato. Trilha sonora: Earth – The Rhythm Of Memories, direitos autorais do acervo público do YouTube.

Temos que nos envolver todos os dias para cuidar

Somos capazes de unir forças com amigos, vizinhos, e todos que não querem depender de ninguém para ter saúde, segurança e uma boa economia

Vamos juntas se cuidar!

Pois mais mãos para lidar com essa responsabilidade de nutrir o planeta e a nós mesmas, fica bem mais leve de carregar o cuidado dos nossos territórios.

Viver a permacultura pode ser simples, barato, saudável e ainda pode ajudar nosso planeta.

Então para fortalecer, temos que nos coletivizar!

Precisamos de mais pessoas que pensam e agem para construir um mundo mais justo e empático, com qualidade de vida.

Se você conhece coletivos e ações que observam a natureza e cuidam dos espaços, ou gostaria de conhecer mais e entrar em algum, entre em contato com a Rede de Núcleo de Estudos em Permacultura do Brasil

Vamos aumentar essa rede de cuidado coletivo!

O afeto é revolucionário, e queremos afetar muito por aí..

ANEXO A – Canto Manifesto da I Marcha das Mulheres Indígenas do Brasil

Referência do texto da epígrafe, escrito por Célia Xakriabá, também conhecida como Célia Nunes Pereira, do povo Xakriabá, ativista indígena, professora, doutoranda em antropologia social pela UFMG e primeira mulher indígena componente do órgão central da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Além da educação, atua evidenciando o papel das mulheres indígenas nas posições de poder na política. (Fonte: <https://link.medium.com/76aXNwf4Dob> - Acessado em fevereiro de 2022)

*Somos mulheres coloridas
Somos um arco íris de cores,
Lutamos e dizemos não à violência
pra manter nossos valores.*

*Os valores que eu falo
É a essência cultural,
Fazemos nossos debates
Respeitando a organização social.*

*Mulheres estudantes
E também da militância
Já dizia nossos líderes
Diga o povo que avança.*

*Mulheres indígenas, negras
Mulheres tradicionais,
O que inspira nossa luta
São as forças ancestrais.*

*Somos mulheres do cerrado
Das veredas, caatinga e pantanal
Tem mulheres parteiras benzedeiras, tem indígenas politizadas
Fazemos o enfrentamento ainda que não sejamos belas e recatadas.*

*Não somos recatadas
Muitas vezes não somos e nem estamos no lar
Nós temos um pé no chão da aldeia
E o outro do lado de cá*

*Tentaram tirar nossas pinturas do rosto,
Nossas terras não nos deram mais,
Nos chamaram de preguiçosos e ainda de incapaz,
Porém não desanimamos, aí que lutamos mais.*

*Mais de 1500 anos se passaram
Continuamos a resistir,
Mesmo tentando pintar Brasil de cinza
Resistimos pra colorir.*

*Pois não se consegue desbotar
pele e almas coloridas,
Assim como não se consegue apagar
Nossas histórias já vividas.*

*Em tempos tão sombrios
Precisamos alimentar de mais arte e poesia,
Pois temos a capacidade de fazer da luta melodia.*

*É na força da pintura presente no pigmento
Urucum tempera a comida
E nós mulheres temperamos
O movimento*

*Resistiremos até a última indígena
Pois nós mulheres somos sementes*